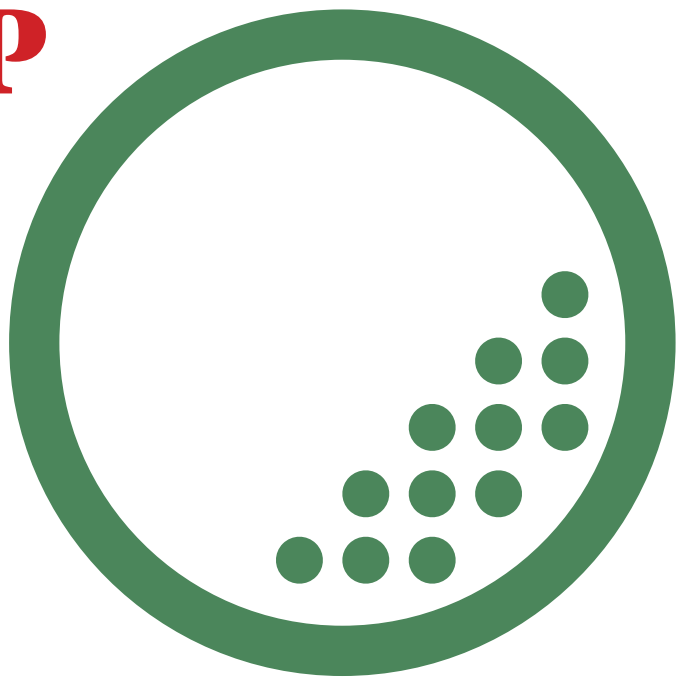




Golfe

#06 • SÁBADO, 28 MAIO 2016 • SUPLEMENTO COMERCIAL

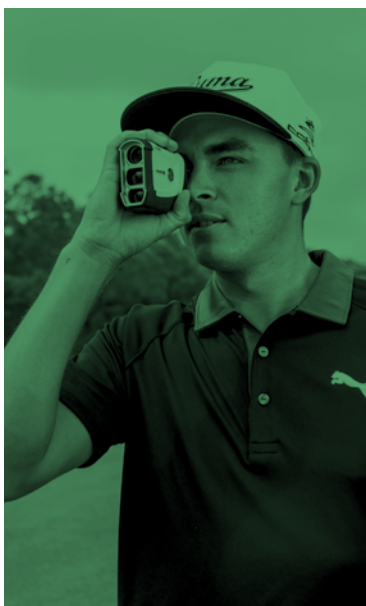
Suplemento comercial do jornal Público. Não pode ser vendido separadamente.

Mais conteúdo disponível em publico.pt/desporto/golfe



Lisbon Sports Club em Belas procura reinventar-se

PAG 06



Bushnell: apresentação europeia foi em Portugal

PAG 07

Tiger Woods já não é o golfista que mais dinheiro factura

PAG 03



FOTO: EZRA SHAW/AFP



“O golfe é uma das riquezas de Portugal”

Entrevista a António Pires de Lima
PAG 04

FOTO: FILIPE GUERRA/GOLFTATTOO



EDITORIAL RODRIGO CORDOEIRO

No golfe como jogador, gestor e governante

Além de ser jogador de golfe há mais de duas décadas e meia, António Pires de Lima já se viu envolvido no golfe por outros meios (nunca como dirigente). Em Outubro do ano passado, coube-lhe, na qualidade de ministro da Economia já em cessão de funções, entregar o troféu ao vencedor do Portugal Masters no Oceânico Victoria Golf Course, em Vilamoura, uma prova cujo principal patrocinador é o Turismo de Portugal. Na ocasião disse que “independentemente do Governo que Portugal vier a ter em poucas semanas, não há razão nenhuma para que um evento tão importante para o país não tenha um acordo plurianual com o European Tour”. Ele sabe da importância que o golfe tem na economia portuguesa, dos mais de 300 mil turistas que anualmente vêm a Portugal jogar golfe e que gastam perto de 300 euros por dia enquanto um turista normal gasta perto de €100, que as receitas directas do turismo de golfe são na ordem dos 600 milhões (só em voltas de golfe por estrangeiros são feitas 1,1 milhões por ano), que o Algarve sem golfe provavelmente “fechava” seis meses por ano. Daí ter defendido, como governante com a tutela do turismo, que o golfe, dentro de uma política de promoção de eventos bastante selectiva, devia jogar um papel fundamental e ser protegido. Mas o envolvimento de Pires de Lima no golfe deu-se também quando era administrador-executivo da Unicer no acompanhamento da execução das obras de requalificação do complexo do Vidago Palace que lhe pertence, e que além do hotel incluiu a ampliação do respectivo campo de golfe de 9 para 18 buracos de campeonato, respeitando a tradição cinquentenária deste percurso de Trás-os-Montes, perto de Chaves. Orgulha-se que se esteja a impor como um dos melhores resorts turísticos e de golfe de toda a Europa e, para ele, aquele campo e clube são os mais especiais a seguir ao “seu” Clube de Golf do Estoril. ●



5,5

valor em milhões de dólares dos prémios monetários conseguidos só em 2016 pelo actual #1 mundial e melhor jogador do ano até ao momento, o australiano Jason Day, de 28 anos



CRÓNICA JOEL NETO

Haveremos sempre de ter o golfe

Das grandes frases de golfe, as minhas preferidas são as de P.G. Wodehouse, e entre estas a que fala do homem que desfruta “daquela paz perfeita, daquela paz para além de todo o entendimento que só atinge o seu esplendor quando um homem desiste de jogar golfe”. Nunca o consegui. Desde que pela primeira vez pisei o verde, informei-me a mim próprio centenas de vezes de que não tornaria a desperdiçar quatro horas de vida em busca da perfeição. Violei sempre a promessa: uma semana depois, se não no dia seguinte, lá estava de novo, perseguindo (e agora parafraseio Churchill) o meu comprimido de quinino através da pastagem.E, no entanto, de cada vez que percorro um *fairway* reencontro Wodehouse. Tenho sorte, creio: a deformação

Escritor. Apresentou em Lisboa na passada terça-feira o seu mais recente livro, “A Vida no Campo”

profissional tornou-me gatuno, vilão, e raramente há um suspiro, um olhar, um silêncio de um companheiro que me passe despercebido. Ademais, tenho procurado a perfeição na companhia de todo o tipo de gente: homens e mulheres, novos e velhos, ricos e pobres, jogadores de excelente nível e de nível nenhum. Todos, até hoje, avalizaram Wodehouse. Já joguei com Retief Goosen, Peter Hanson, Matteo Manassero. Avalizaram Wodehouse. Uma vez, nos Açores, joguei um pro-am na mesma formação de um senhor do Porto - creio que era do Porto - que, quando conseguiu chegar ao *fairway* do primeiro buraco, já levava nove pancadas. Também ele avalizou Wodehouse. Diziam-no os seus olhos. Os olhos deles todos. Há neste jogo uma condição que não encontrei em mais nenhum. Ele é tecnicamente superlativo, mas outros jogos são-no também. Ele é filosoficamente espesso, mas há outras modalidades que o são de igual modo. Ele é psicologicamente arrasador, a coisa mais

stressante que alguma vez fiz na vida, mas talvez outros desportos sejam assim. Sobre tudo, ele é um abismo reiterado, pancada atrás de pancada - e é isso que o torna redentor como mais nenhum. Nunca encontrei um só golfista que não fosse, de algum modo, um homem devastado. Um homem ou uma mulher: há sempre uma falta qualquer em quem pratica este jogo. Há sempre uma solidão, um vácuo, um sentimento de perda, uma incapacidade. E só aquela vertigem, aquele persistente contacto com o fim, com a sua perspectiva, nos lembra de que estamos vivos. Às vezes setenta vezes numa tarde. Outras cento e vinte. Há poesia neste jogo. As vertigens, dizia Kundera, não são o medo de cair: são o desejo de cair, do qual nos protegemos com pavor. O pavor é o coração do golfe. Sim, eu gostava de poder deixar de jogar, um dia. Mas não creio que tenha sido talhado para a paz perfeita - e, quanto a isso que chamam viver em pleno, nunca soube muito bem do que se tratasse. ●



CRÓNICA PEDRO NUNES PEDRO

Dancing monkey

Esta poderia ser uma das formas como Gregg Patterson inicia as suas conferências como *keynote speaker* sobre clubes de golfe, resorts e entretenimento, sendo ele próprio diretor do Beach Club em Santa Monica na Califórnia desde 1982. E o que é um *dancing monkey*? À partida parece um nome depreciativo, mas se formos a ver não o é. Um *dancing monkey*, é um relações públicas, um animador, um mobilizador, alguém que envolve as pessoas, um líder, mas sobretudo alguém com disponibilidade para organizar eventos, fazer pontes entre visitantes e novos sócios com os sócios tradicionais, sim aqueles que olham sempre de forma desconfiada para a chegada destes novos membros, outrora de casaco e gravata, hoje (poucos) sentados na sua mesa de sempre no restaurante da *club house*.

Presidente do Lisbon Sports Club

E quem o pode ser no seu clube de golfe? Pode ser o capitão do clube, um diretor, o profissional, um sócio, um pai ou uma mãe ou até simplesmente o barman. O golfe hoje compete com outras modalidades, que são mais *sexy* ou mais *fun*, e cujos praticantes se organizam em pequenas tribos, *networks*: “Vais à Meia?”, “Estou fazer 53, 5”, “Padel marcado às 7h não faltes” - estas são muitas das conversas que se ouvem entre amigos durante a semana. Mas como se esta concorrência não bastasse, o golfe também compete com a indústria do entretenimento, o mundo das *playstation*, idas ao centro comercial (desporto favorito dos portugueses), os mercados de rua, uma degustação de queijos e vinhos, e todas estas experiências estão de uma forma ou de outra a competir com o golfe. E PORQUÊ? Porque os clubes não têm e precisam de animação, têm que ser mais atractivos para a família. “Estou farto de ver fotografias de mortos nas paredes do clube, quero

ver fotografias dos sócios actuais a jogar, em ambiente de festa.” Esta é outra das célebres frases de Gregg Patterson. Os tempos são difíceis, os sócios estão a abandonar os clubes, as listas de espera acabaram, os clubes têm que evoluir para onde os clientes querem ir. As mulheres não vão ao clube almoçar porque as amigas não vão, a comida é sempre igual, os clubes deviam ter sala das crianças com *babysitter*, piscina, o profissional de hoje tem que ser mais do que um profissional, tem que ser um animador (lembra-se dos GO's dos Clubs MED?), tem que ter um discurso diferente, mais motivador. Se os miúdos gostarem vão obrigar os pais a ir ao clube, a almoçar ou a lançarem e, desta forma, começam a entrar na vida do clube e, quem sabe, não começam a ter umas aulas. O golfe é um desporto de família, por isso só falta pôr as mulheres e os filhos a jogar. Por isso não creio que o problema da falta de jogadores de golfe seja o da duração do tempo de jogo, ou até económico, como por aí se diz, faltam *dancing monkeys*, talvez. ●

FICHA TÉCNICA

Editor
Rodrigo Cordoeiro
Conteúdos
GolfTattoo
Produção
Público

Suplemento comercial do jornal Público. Não pode ser vendido separadamente.

ABERTURA

Nevada Bob's inaugura nova loja no Jamor



A Nevada Bob's Golf, a maior cadeia de lojas de golfe do país, abriu uma nova loja, no Centro Nacional de Formação de Golfe do Jamor, em pleno Estádio Nacional, Oeiras, numa localização privilegiada que lhe permite estar mais próximo dos clientes de Lisboa beneficiando da enorme afluência de jogadores que procuram esta infra-estrutura para praticar o seu desporto favorito, para além de outros atractivos como o restaurante e demais valências que o espaço disponibiliza. A loja do Jamor permite igualmente à NBG oferecer serviços inovadores como por exemplo um centro de material para demonstração (experimentação gratuita) e um Centro Oficial de *custom-fitting* multi-marca, entre outras iniciativas que incluem competições mensais, envolvendo também juniores. “A exploração da loja esteve a cargo de um concorrente durante vários anos, que culminou com o fim dos contratos de exploração. A NBG foi consultada para ficar com a exploração da mesma da loja, tal como outros operadores, e a Federação Portuguesa de Golfe achou que nós seríamos os mais indicados. O visual segue o nosso mais recente *layout* das lojas novas e das lojas mais antigas mas reformuladas, que se caracteriza por uma imagem mais clara e *merchandising* funcional”, afirma Sérgio Cordeiro, director-geral da NBG, cuja marca possuía já como *flag-ship stores* uma no Estoril e outras duas no Algarve – Almancil e Vale do Lobo. Para além destas três, existem também as lojas *on-course* dos sete Campos do Grupo Pestana, a loja da Quinta da Ria, da Quinta do Fojo, do Paço do Lumiar. ●

DINHEIRO

Quanto ganham os mais bem pagos golfistas do mundo

Jordan Spieth perfez 53 milhões de dólares em 2015 dentro e fora do campo

Andei à procura na Internet de uma citação do texano Jordan Spieth aquando da sua vitória na FedEx Cup no final de Setembro do ano passado, que lhe valeu um bónus de 10 milhões de dólares. Não encontrei, mas o que ele disse na altura a propósito do *jackpot* foi qualquer coisa como isto: “Já recebíamos muito dinheiro, mas entretanto decidiram oferecer-nos ainda mais.”

Composta por uma fase regular e por quatro torneios de *play-offs*, a FedEx Cup é o campeonato por pontos que o PGA Tour lançou em 2007, oferecendo aquela verba ao jogador que terminar a época no primeiro lugar da tabela, \$3 milhões para o segundo, \$2 milhões para o terceiro, 1,5 milhões para o quarto, 1 milhão para o quinto e por aí adiante até aos \$32 mil entre o 126.º e o 150.º, num total de €35 milhões distribuídos.

A verdade é que Jordan Spieth, que tem apenas 22 anos, não precisava de um único destes “tostões” para que 2015 tivesse sido para ele um ano milionário em termos de prémios monetários, pois além desses €10 milhões facturou outros 13 milhões nos torneios que jogou, perfazendo então 23 milhões, novo recorde numa só temporada, no que bateu os \$20,9 milhões de Tiger Woods em 2007.

Como é isto possível? Bem, todos os torneios do PGA Tour têm prize-moneys acima dos \$6 milhões, com o vencedor de cada um a levar para casa invariavelmente mais de \$1 milhão. O ano passado Spieth somou cinco vitórias (duas delas em *majors*, no Masters e no US Open e muitos outros top-10's). O torneio mais rico do PGA Tour é o The Players Championship, com \$10,5 milhões, dos quais \$1,8 milhões para o campeão.

Mas Spieth não se ficou por aqui. De acordo com a revista americana *Golf Digest*, recebeu mais \$30 milhões em patrocínios e outros em 2015, acumulando assim mais de \$53 milhões dentro e fora do campo. Nenhum golfis-

ta facturou tanto como ele em 2015, no primeiro ano em que Tiger Woods (\$48.5 milhões), de 40 anos, não foi o mais bem pago, contentando-se com o terceiro lugar numa temporada em que raramente jogou. No meio dos dois, no segundo lugar, surge o veterano Phil Mickelson, de 45 anos.

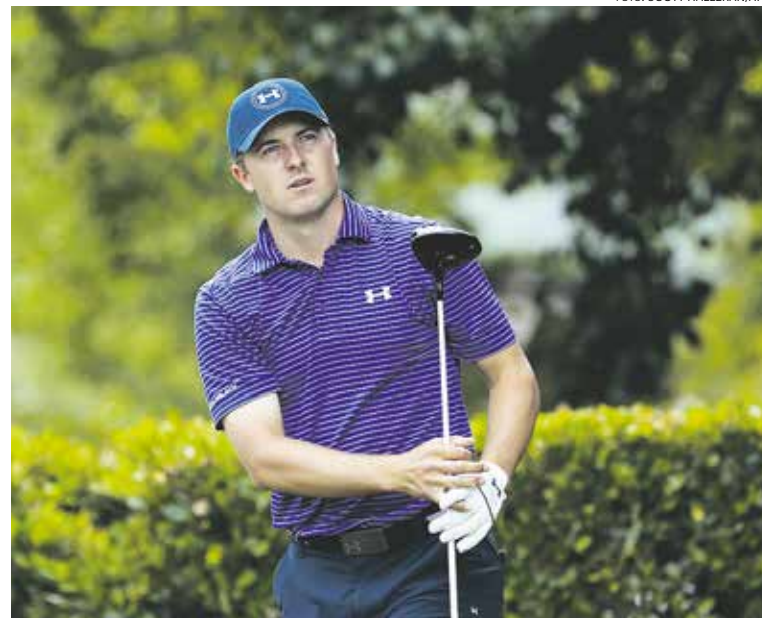
De qualquer maneira, o total pecuniário acumulado por Spieth fi-

ca muito aquém do máximo de Tiger Woods numa só época, dentro e fora do campo: houve três anos consecutivos em que facturou acima dos \$100 milhões - \$122 milhões em 2007, \$117 em 2008 e \$121 em 2009. Ao longo da sua carreira profissional iniciada em 1996, Woods já ganhou mais de 1,4 mil milhões de dólares.

No quarto lugar da lista da GD pa-

ra os mais bem pagos em 2015, o norte-irlandês Rory McIlroy é quarto com \$46 milhões e em quinto surge a mais antiga e duradoura máquina de facturar, o norte-americano Arnold Palmer, de 86 anos, jogador lendário do golfe mundial e actualmente empresário com vários negócios em torno do golfe e com receitas de \$40 milhões. ●

FOTO: SCOTT HALLERAN/AFP



PUBLICIDADE

REMEMBER THE BASICS:
BEBE COM O COTOVELO
SEMPRE A APONTAR PARA BAIXO

Agora já pode celebrar os seus feitos golfísticos com uma cerveja especial. O Lisbon Sports Club acaba de lançar três cervejas artesanais para homenagear o golfe e alguns dos seus míticos buracos. Cervejas intensas, saborosas e de forte carácter, tal como o campo que as viu nascer. Feitas e perfeitas para brindar ao seu jogo!

PLAY LOCAL. DRINK LOCAL
LISBONCLUB.COM

1922
LISBON SPORTS CLUB
CRAFT BEER

ENTREVISTA POR RODRIGO CORDOIRO

“Um desporto que não produz campeões não atrai multidões”

Ex-ministro da Economia é praticante de golfe há mais de 20 anos

Estou curioso para saber como começou tudo para si no golfe. Foi o primeiro da sua família a jogar?
Acho que sim, pelo menos da minha família mais próxima. E começou talvez eu tivesse 30 anos, com uma brincadeira num encontro em Palma de Maiorca de quadros de uma empresa onde eu trabalhava (do sítio onde estávamos tínhamos acesso a um *driving range*). Desde que peguei no ferro o vício instalou-se em mim, ou melhor será dizer o desafio, porque o golfe era e continua a ser um desporto complexo e difícil. **E o que o fascina?**

É o desafio de me vencer a mim próprio, de me controlar. No golfe cada pancada ou cada buraco é uma experiência diferente, há dias em que jogamos extraordinariamente bem, não percebemos muito bem porquê, em que nos sentimos reis do mundo, para nos dias seguintes passarmos pelas experiências mais humilhantes. Esta volatilidade no golfe é uma coisa que me apaixona no golfe, e que faz com que o golfe seja permanentemente um desafio de superação individual.

Depois há outras coisas que me atraem no golfe, como as companhias, jogo basicamente com amigos, o Eduardo Espinar, o tio João Nuno Magalhães, o João Talone, o José Vaz Pinto, o Tiago Cirne de Castro, só para citar alguns.

Também é uma forma de distender depois de uma semana de trabalho, poder estar num ambiente bonito, cheio de verde à nossa volta e com pessoas de quem gostamos praticando uma concorrência e uma rivalidade que procura ser saudável.

Quem foram os seus instrutores?
As primeiras aulas tive-as no Estádio Nacional, curiosamente, com o Miguel Nunes Pedro, que hoje é o profissional do Clube de Golf do Estoril, do qual sou membro. Quando me tornei sócio passei a ter um acom-

panhamento aqui mais no Estoril, nomeadamente pela Mary Gallagher e o Carlos Aleixo, que entretanto faleceu. Foram os meus professores durante mais tempo. Continuo a ter aulas periodicamente, no Estádio Nacional, este desporto é tão exigente que se não quisermos piorar muito - não é melhorar - convém, uma vez por mês, pelo menos uma vez de três em três meses, ir à oficina perceber como é que alguns defeitos se voltaram a instalar no nosso *swing*.

O Estoril é o único clube de que é membro?

Sim, embora mantenha uma ligação muito próxima com o clube do Vidago Palace, porque foi um campo que foi reconstruído e que passou de 9 para 18 buracos no tempo em que eu era presidente-executivo da Unicer. É um campo de que me sinto parte, mas o meu *home club* é o Estoril praticamente desde que comecei a jogar golfe, até porque fica muito perto de onde moro há 20 e tal anos. Fundamentalmente jogo aqui no Estoril, por uma razão muito simples: é que procuro conciliar este meu desporto com a minha vida familiar. Eu tenho uma família grande, e portanto jogo geralmente ao sábado de manhã, às vezes, mais raramente, ao domingo de manhã, e procuro às 13h, 13h30 estar em casa para poder almoçar e estar com a família. Por isso, os torneios em que entro são quase todos aqui no Estoril.

Tem alguma volta de golfe que considere ter sido a sua melhor de sempre?

Não é muito frequente, mas tenho às vezes momentos de inspiração que são uma luz de esperança na mediocridade do meu jogo. Já fiz dois *holes-in-one* em dois meses seguidos, o que é um feito para uma pessoa como eu. Um deles no buraco 8 do Estoril, outro no 13 ou 14 de



Tenho às vezes momentos de inspiração que são uma luz de esperança na mediocridade do meu jogo

Oitavos Dunes. Mas, enfim, a realidade volta rapidamente - e a realidade é que sou jogador que tira prazer do jogo mas absolutamente mediano, um 15 de *handicap*. Recordo um torneio em *medal* [por pancadas] no Estoril em que, tendo virado os primeiros 9 com um sensacional *score*, marquei 15 pancadas no buraco 12 (o mais irritante do campo), com quatro saídas para fora. **Já jogou com algumas grandes figuras do golfe mundial...**

Lembro-me de ter jogado com o Paul Lawrie há uns anos. Mas aquele que me ficou mais vivo na memória foi o Padraig Harrington, com quem joguei em Outubro do ano passado no pro-am do Portugal Masters. Ganhou alguns *majors* e continua por vezes a fazer resultados fantásticos no PGA Tour. Foi uma ótima experiência, não tanto pela qualidade do nosso jogo, apesar de termos tido uma classificação meritória (não sei se ficámos em terceiro ou em quarto lugar nesse pro-am como equipa), mas sobretudo pela sua enorme simpatia e disponibilidade para ajudar e dar dicas. Não imaginaria que um jogador de topo, que ganhou tantos *majors*, pudesse ser tão disponível e tão humilde.

O seu envolvimento no golfe não

tem sido apenas como jogador. Como ministro da Economia do anterior governo, com a tutela do turismo, coube-lhe em Outubro do ano passado entregar o troféu ao vencedor do Portugal Masters, o inglês Andy Sullivan...

O golfe é uma actividade fundamental, não só pelas receitas que cria, mas também porque, nomeadamente no caso do Algarve, mas não só, permite um alisamento da sazonalidade turística ao longo do ano. O Algarve tem características muito próprias durante os meses de Verão, mas tem turismo ao longo de todo o ano - e pode potenciar esse turismo, precisamente, por ter outras actividades que fazem dele um pólo de atracção, de que o golfe é uma âncora absolutamente fundamental. Eu creio que tem havido essa consciência por parte dos diferentes governos, e, quanto ao governo que integrei, entendeu que o golfe, dentro de uma política de promoção de eventos bastante selectiva, devia jogar um papel fundamental e ser protegido.

Daí o facto de a relação com o European Tour [circuito do qual o Portugal Masters faz parte] ser uma relação que tem sido preservada, mantida e até alimentada ao longo dos últimos anos de



FOTOS: FILIPE GUERRA/GOLFETATTOO

No final do Callaway Golf Days, torneio do circuito da Nevada Bob's Golf que se jogou no CG Estoril a 13 de Maio, com os seus parceiros de jogo Sofia Paiva, José Sousa e Melo e João Talone. Em baixo, na varanda da clubhouse do Estoril.

enquanto destino de golfe. Entre os anos 2007 e 2010, tínhamos três, o Open de Portugal (na zona da Grande Lisboa), o Portugal Masters (Algarve) e o Open da Madeira. Hoje em dia temos apenas um, o Portugal Masters, e com um prize-money reduzido a 2 milhões de euros quando era inicialmente de 3 milhões de euros.

É talvez preferível ter um muito bom ou um grande torneio internacional em Portugal por ano do que dispersarmos os nossos recursos por vários torneios com menos cartaz e menos capacidade de atrair grandes jogadores de golfe. Custa atrair os grandes jogadores de golfe, e eu acho que, contrariamente do que aconteceu com muitos outros desportos que tiveram de ser preteridos na política selectiva de grandes eventos, o golfe tem sido privilegiado ao longo dos anos por uma constância de investimento por parte do Turismo de Portugal, é isso que interessa prevalecer. Se os recursos, que por definição num país como Portugal são sempre escassos, devem ser dispersos por vários torneios ou concentrados num só, isso é uma decisão de carácter mais técnico, mas creio que a escolha que o Turismo de Portugal tem feito em coordenação com a Federação Portuguesa de Golfe se tem revelado acertada.

Na sua opinião, em contraponto ao sucesso do país como destino de golfe, qual a razão de estarmos estagnados no crescimento do número de jogadores nacionais em perto de 15.000 filiados na FPG?

Sabe, eu sou um praticante de golfe

que se preocupa fundamentalmente em jogar e tirar prazer, mas obviamente penso também que não tem havido toda a capacidade possível para fazer um marketing do golfe junto das gerações mais novas. O golfe é um desporto muito exigente e eu percebo que para um jovem de 10, 15, 20 anos existam desportos que proporcionem uma adrenalina e imediatismo diferentes.

Em qualquer caso, creio que para que possamos conquistar mais praticantes de golfe é muito importante que se possa massificar e tornar mais acessível a modalidade fora das classes ou das pessoas que praticam golfe. Acho que houve um esforço que se fez nos últimos 20 anos nesse sentido, mas parece que ainda estamos muito longe dos padrões que têm outros países. E acima de tudo existe uma certa disparidade entre aquilo que é a atractividade turística que o golfe proporciona em Portugal e aquilo que é o nível de praticantes dos portugueses.

Creio também que temos de ter figuras de excelência no golfe, pois um desporto que não produz campeões não atrai multidões. As pessoas para se motivarem precisam de exemplos, precisam de heróis. É preciso investir e disciplinar os miúdos. E no caso do golfe português tem-nos faltado a capacidade de construir esse herói que mobilizem mais a juventude. Tenho muita esperança de que o Ricardo Melo Gouveia, que está a fazer a sua época inicial no European Tour, possa afirmar-se. É um rapaz muito persistente, muito trabalhador, para além de ter obviamente uma grande qualidade e capacidade de jogo. Acredito que vai chegar longe. ●

uma forma constante e que felizmente ninguém, independentemente da sua cor política, tem posto em causa. **Em 2011, o aumento do IVA no golfe de 6% para 23% foi um duro golpe para os campos portugueses, sobretudo porque na altura havia uma concorrência feroz de outros mercados, como Espanha, Turquia, Tunísia, Marrocos... O golfe em Portugal é uma actividade de exportação...**

Eu percebo que na altura tenha sido um golpe, até porque as expectativas de muitos empresários era de poderem trabalhar com o IVA mais baixo, mas no final acho que foram capazes de contornar essa dificuldade. Isso é bem visível no crescimento que continuamos a ter de voltas golfísticas apesar de a taxa do IVA ser agora de 23%. Não se esqueça que a taxa do IVA para a hotelaria foi mantida a um nível mais baixo,

nos 6%. Portanto, Portugal continua a oferecer um produto que mistura qualidade, beleza e exigência com competitividade do ponto de vista de preços que é praticamente único na Europa. Diz-me a experiência que é bem mais caro passar umas boas férias de golfe noutros países do que em Portugal.

É muito importante ter grandes eventos de golfe em Portugal, para manter a visibilidade do país

PUBLICIDADE



CENTRO NACIONAL
DE FORMAÇÃO DE GOLFE
JAMOR

NO JAMOR
**HÁ CADA
VEZ MAIS GOLFE**

**ABERTO
ATÉ ÀS 22H
DE 2ª A 6ª**

CAMPO DE TREINO
COM ILUMINAÇÃO
NOTURNA

**GREEN FEES AINDA
MAIS BARATOS**

- Junior 5€/dia
- Adulto 10€ (*)
- Senior 7€ (*)
- Pacotes de green fees disponíveis

(*) Preços para jogadores federados

TELEFONE: 214 199 418
WWW.FPG.PT/JAMOR



www.facebook.com/golfejamor





FOTO: NUNO PRESA CARDOSO

CLUBE

Um pequeno idílio na serra Carregueira

Fundado em 1922, o Lisbon Sports Club, em Belas, convida-o a experimentar a antítese do *fast golf*

Campos de golfe como o do Lisbon Sports Club (LSC), em Belas, Sintra, são raros em Portugal. Não apenas pela sua localização improvável e beleza selvagem, encaixado num estreito vale da serra da Carregueira, mas também porque é detido e gerido por um clube cujo objectivo é proporcionar aos associados sobretudo a prática do golfe (mas não só, também têm campo de futebol 5), bem como a utilização das suas instalações desportivas e sociais. Sem intuítos comerciais, se não o desafio financeiro com vista à melhoria das condições oferecidas aos próprios membros.

No LSC, o tempo parou, no bom sentido. Aos fins-de-semana, há vida de clube. Por exemplo, golfe de manhã, depois o almoço na elevada casa senhorial, com uma varanda a toda a largura a dar para o campo. De

tarde, cartas ou incursão a um dos dois courts de ténis, mergulhos na piscina. Há lugar e actividades para as crianças e quem tome conta delas. Tudo num ambiente familiar e repousante, sem quaisquer vestígios de imobiliário, que em geral são a razão principal para a construção de campos de golfe em Portugal.

O percurso de golfe de 18 buracos está aninhado na vale do Casal da Carregueira, aproveitando uma brecha de planície na encosta norte da serra da Carregueira, numa antiga quinta virgem de mais de 50 hectares, a três quilómetros de Belas, que este clube fundado em oficialmente em 1922 (mas com actividade desde 1880, por iniciativa da comunidade britânica em Lisboa) adquiriu em 1962 e onde se estabeleceu definitivamente depois de passar pelo Campo Pequeno, Algés, Carcavelos e Alto da Ajuda.

O único propósito do clube é melhorar continuamente as condições oferecidas aos sócios

Paisagem luxuriante, com extensas zonas de mato e afloramentos rochosos, choupos, ciprestes, pinheiros, eucaliptos, coelhos à vista e uma enorme variedade de pássaros. O escasso comprimento do campo, 5261 metros para um par-69, dá uma falsa ideia de facilidade. É que, como se não bastasse aos golfistas terem de lidar com densa vegetação, existe uma regueira - a ribeira do Jamor - que influencia o jogo em nada menos do que 12 buracos. Cheio de armadilhas.

A história do LSC é uma de tenacidade na superação de dificuldades e, perante a estagnação no número de golfistas portugueses, procura hoje reinventar-se. “Estamos a investir mais no mercado internacional, com presenças em feiras internacionais, juntamente com a Associação de Turismo de Cascais e também com acções junto de operadores”, conta o seu presidente, Pedro Nunes Pedro. “O *feedback* tem sido muito positivo com óptimos *reviews* e os jogadores gostam muito da experiência de jogar num campo com tanta história e tradição no golfe nacional.”

Entretanto, a loja de golfe foi reformulada, foi feito um investimento no site (lisbonclub.com), compraram-se mais buggies (uma necessidade para estrangeiros e sócios mais velhos), prepara-se a construção um campo de padel (uma modalidade em ascensão em

Portugal) e na última quinta-feira, anteontem, o clube lançou aquela que anuncia ser a primeira cerveja de um campo de golfe, uma cerveja artesanal em homenagem a um campo especial, com os rótulos inspirados no *scorecard* do LSC e podendo-se mesmo escrever sobre eles para assinalar o resultado que foi feito.

As três receitas diferentes da cerveja têm características em comum com os buracos que homenageiam. A “Long Eighteen”, por exemplo, feita com um malte especial, é uma cerveja de sabor longo tal como o 18 é um par-4 longo. A “Devil’s Three” é mais *spicy* e intensa, tal como o *shot* de saída no 3 é mais desafiante. E a “Five Drive” é mais suave e fácil de beber, mais leve, para recordar o tee majestático do buraco 5. Também aqui se cativam novas receitas, pois parte das vendas revertem para o clube.

“Desde sempre que a cerveja faz parte da cultura do golfe, e o célebre buraco 19 é o local onde golfistas não só celebram os seus feitos como partilham as suas angústias”, justifica Nuno Presa Cardoso, fundador e director criativo da NOSSA (agência de publicidade), sócio do LSC e cunhado do seu presidente. “Este é um clube diferente de todos os outros, que quer continuar a rejuvenescer-se e que prete (agora literalmente) continuar nas bocas do mundo”, acrescenta. ●

O site nº1 de golfe em Portugal. Esteja a par.



Golf tattoo®
golfe à flor da pele
www.golftattoo.com



PUBLICIDADE

O novo relógio GPS da Bushnell tem bateria para três voltas de 18 buracos

FOTOS: BUSHNELL



EQUIPAMENTO

Bushnell apresentou novos produtos em Portugal

Novos binóculo medidor de distância e relógio GPS desvendados no resort de Oitavos Dunes, em Cascais

A Bushnell Golf escolheu Portugal, mais concretamente o complexo de Oitavos Dunes, em Cascais, para a apresentação europeia dos seus novos produtos para 2016: o novo binóculo medidor de distâncias, o Tour V4 (em substituição do V3), e o novo relógio GPS, o Neo iOn. Este Press Event decorreu no dia 18 de Maio e contou com a participação de cerca de 50 convidados de nove países, a maioria jornalistas do principais órgãos de comunicação da modalidade, mas também alguns clientes e distribuidores.

Recentemente os medidores de distâncias no golfe, sejam por binóculo ou GPS (relógio ou telemóvel), passaram a ser permitidos em torneios amadores, desde que as funções de tecnologia *slope* (que permite o cálculo tendo em conta os desníveis do terreno) e de vento não estejam activadas. Nos torneios profissionais são permitidos desde que as regras locais o indiquem, mas nos principais circuitos mundiais, como o PGA Tour e o European Tour, ainda são proibidos.

Mas isto não impede que os profissionais e os seus *caddies* os utilizem nos treinos e daí retirem os devidos apontamentos para as competições oficiais. Neste capítulo o binóculos Bushnell são líderes de mercado e quase se pode dizer que não têm concorrência. Num inquérito feito no The Players Championship de 2015, a quinta prova na hierarquia mundial a seguir às do Grand Slam, constatou-se que 99% dos participantes o utilizavam. O jovem norte-americano Rickie Fowler, de 27 anos, actual n.º 5 no ranking mundial, é o grande embaixador da marca.



O novo Tour V4 Laser Rangefinder, em relação ao seu antecessor, é mais pequeno, consome menos bateria, oferece precisão até menos de um metro, um zoom até cinco vezes e um alcance de até 365 metros, uma distância de focagem rápida e vem com a tecnologia Jolt aprimorada, aquela que permite que o dispositivo faça uma vibração na focagem perfeita das bandeiras. Ah, e é à prova de chuva. Há duas versões, o Tour V4 e o Tour V4 Slope, o primeiro custará €359, o segundo €430. Custará, porque só estarão disponíveis no mercado entre o final de Junho e o início de Julho.

Quanto ao seu novo relógio GPS (€174,5), Neo iOn, vem com 35 mil campos de todo o mundo incorporados, e tem, entre outras funções, bateria suficientes para três voltas, calculador de distância de *shots* e odómetro (para medição da distância percorrida). Os interessados têm três cores à disposição.

Também foi apresentado em Cascais o novo Neo Ghost, um dispositivo semelhante ao relógio mas sem bracelete, para utilizar preso ao cinto ou ao saco. Custam €128,5.

A Bushnell Golf faz parte do grande grupo americano Vista, que na modalidade das tacadas está também presente com os óculos Bollé, patrocinando nomes do European Tour como os franceses Gregory Bourdy, Gregory Havret e o norte-irlandês Michael Hoey, este o vencedor do Open de Portugal em 2009 e do Open da Madeira em 2011.

Os Bollé serão um dos produtos oficiais da próxima Ryder Cup em Setembro, o maior evento do golfe, o duelo bienal entre as selecções da Europa e dos EUA. ●

NEVADA BOB'S GOLF

Under Armour

-20%

Coleção Under Armour

10% DE DESCONTO + 10% EM CARTÃO NGB

Wilson Staff

Set Ferros Wilson C200

OFERTA

12 Bolas DX2 Amarelas

*kits não incluídos

Callaway

-30%

Bolas Callaway SR1

DESCONTO DE 30%

GARMIN

-20%

vivoactive™

GPS SMARTWATCH FOR THE ACTIVE LIFESTYLE

ANTES: 299€

AGORA: 239,20€

GANT

-20%

Coleção GANT

10% DE DESCONTO + 10% EM CARTÃO NGB

Wilson Staff

-20%

Conjunto completo Wilson Profile XLS

DESCONTO DE 20%

Callaway

-25%

Set XR grafite/aço

DESCONTO DE 25%

ODYSSEY

TaylorMade

PING

POUPE ATÉ 50%

Putters Várias Marcas

DESCONTO DE 30% a 50%

JÁ ABRIU!
nova loja no Jamor

CIRCUITO GOLF DAYS 2016

toda a informação em www.golfdays.pt

04 de Junho - Hugo Boss - Pestana Beloura

25 de Junho - Taylor Made - Vale do Lobo

POLO

JUNDEBERG

Kankura

BOSS

Timberland

GANT

UNDER ARMOUR

adidas

Calvin Klein

GOLFINO

Callaway

FootJoy

Cleveland

TaylorMade

Titleist

POWAKABBY

Wilson Staff

SCOTT CAMERON

GARMIN

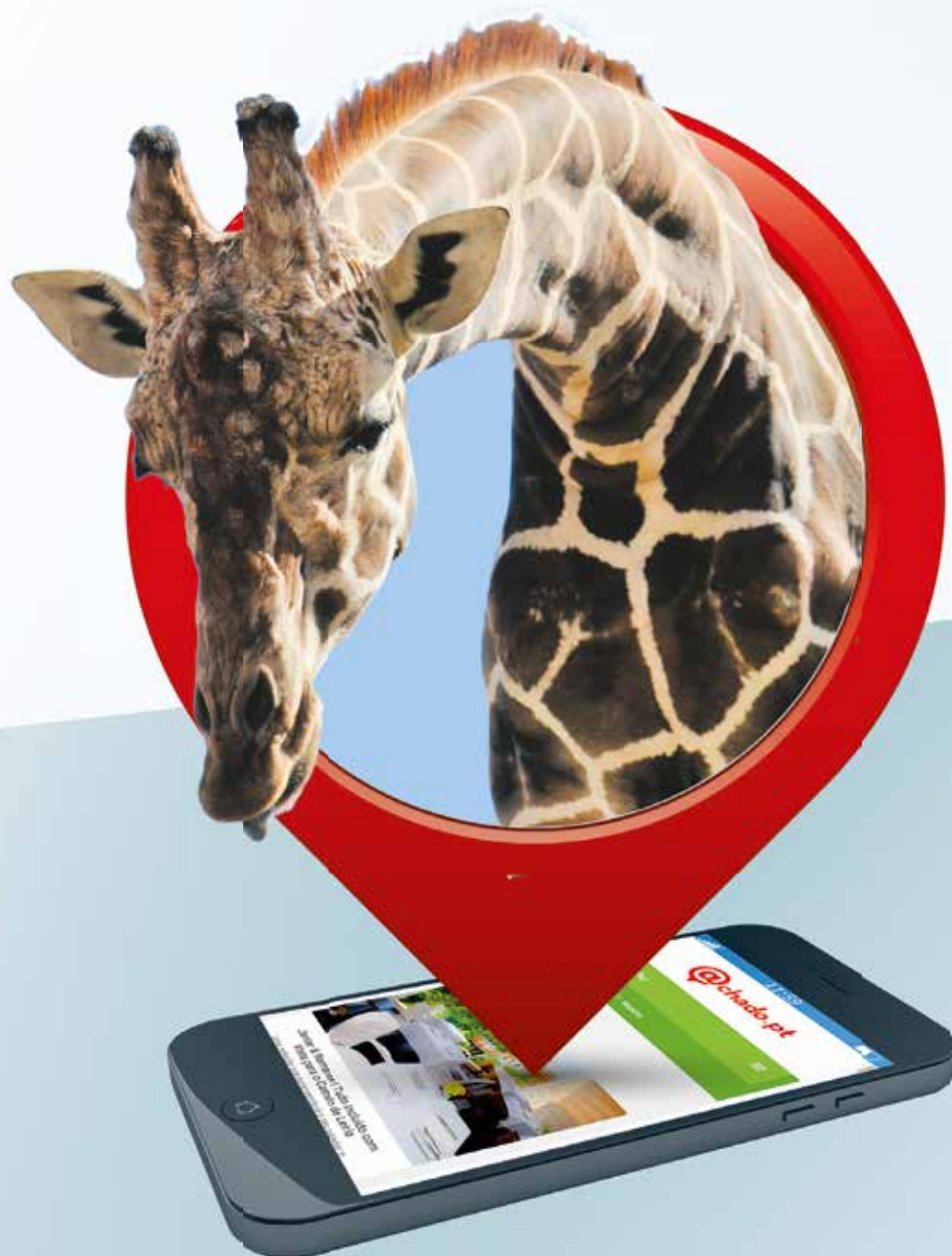
PING

Ofertas válidas de 01/06 a 30/06 de 2016, salvo especificações em contrário. Preços válidos ao stock existente nas lojas NGB participantes. Aplicam-se termos e condições, consulte as nossas lojas para mais informações.

NEVADA BOB'S GOLF

Estoril - 214 675 366 | Jamor - 928 250 198 | Beloura - 309 759 585
Poco Lumiar - 217 591 719 | Ota de Fojo - 227 727 070 | Alcanal - 289 395 293
Vila Sol - 289 320 370 | Silves - 282 440 130 | Ota da Ria - 281 950 580 | Vale da Pinta - 282 340 900
Gramacho - 282 340 900 | Alto Golfe - 282 460 870 | Vale do Lobo - 289 398 436

ESTÁ AQUI, ESTÁ A FAZER NOVOS AMIGOS.



registe-se já:
achado.pt

Neste Dia da Criança, leve os seus filhos a conhecer o mundo animal. Faça o seu registo no achado.pt e encontre uma experiência de Jardim Zoológico, para surpreender os mais pequenos com um dia cheio de novos amigos. Reserve já, e descubra outras promoções que seleccionámos para si.